

INCLUSÃO DE ALUNOS CADEIRANTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM COLÉGIOS ESTADUAIS DA CIDADE DE CASCAVEL/PR

Marcelo Ribeiro Aime
Jackson Antônio da Silva de Sena
Hani Zehdi Amine Awad
Faculdade Assis Gurgacz – FAG

RESUMO

Este estudo objetivou identificar como vem sendo tratada a inclusão de alunos com deficiência física (cadeirantes) nas aulas de Educação Física em colégios públicos regulares. Trata-se de um estudo de caráter descritivo analítico, realizado em sete (7) colégios públicos da cidade de Cascavel/PR. A amostra foi constituída de nove (9) alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental que apresentam deficiência física (cadeirantes), praticantes, ou não, das aulas de Educação Física. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário com 11 questões fechadas. A análise dos resultados foi submetida ao tratamento estatístico descritivo, à apresentação de dados percentuais e à utilização de gráficos. Inicialmente, buscamos em nossa análise verificar os avanços na acessibilidade de pessoas com deficiência física, em especial, os cadeirantes no que tange às aulas de Educação Física. Procuramos, ainda, identificar, na literatura, ações de profissionais que buscam integrar, em suas aulas de Educação Física, alunos cadeirantes e que, por meio de práticas inclusivas, participam das aulas. Averiguou-se, a partir dos dados coletados, que os alunos com deficiência possuem conhecimento da seriedade da sua participação nas aulas de Educação Física e fazem questão de serem inseridos. Contudo, assinalam para as dificuldades encontradas especialmente no que diz respeito à acessibilidade aos espaços utilizados para as práticas da disciplina, alertando, ainda, para a necessidade dos professores de Educação Física promoverem condições contínuas para a efetiva participação de todos os alunos, deficientes ou não.

Palavras-chave: Inclusão; Deficiência física; Acessibilidade na Educação Física.

INCLUSION OF WHEELCHAIR STUDENTS IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES IN SCHOOLS OF STATE CASCAVEL CITY/PR

ABSTRACT

"This study aimed to identify as it has been dealt with the inclusion of students with disabilities (wheelchair) in physical education classes in regular public schools. It is an analytical descriptive study which was conducted in seven public schools in the city of Cascavel/PR. The sample consisted of nine students from 6th to 9th grade of elementary school who have physical disabilities (wheelchair), practitioners or not the physical education classes. It was used as data collection instrument a questionnaire with 11 closed questions. The results were submitted to descriptive statistical analysis, presentation of data and percentage use of graphics. Initially we seek in our analysis check advances in accessibility for people with disabilities, especially wheelchair users, with respect to physical education classes. We also seek to identify actions in literature professionals looking to integrate in their physical education classes wheelchair students, who through inclusive practices participate in classes. It was established through the data collected that disabled students have knowledge of the seriousness of their participation in physical education classes and are keen to be inserted. However, they point to the difficulties encountered especially in accessibility to spaces used for the practices of discipline and draw attention to the need for physical education teachers to promote continuous conditions for effective participation of all students, whether disabled or not.

Keywords: Inclusion; Physical disability; Accessibility in Physical Education.

INTRODUÇÃO

De acordo com o IBGE (2010), cerca de 23,9% da população declara apresentar algum tipo de deficiência. Na atualidade, observa-se a presença, cada vez mais constante, de alunos com necessidades especiais de diferentes características nas escolas brasileiras, bem como matriculados nas disciplinas de Educação Física Escolar. Neste estudo, o foco principal está nas deficiências de caráter físico, mais especificamente nas pessoas que necessitam da utilização de cadeira de roda.

Em relação à deficiência física, Diehl (2006) afirma que, ao nos depararmos com crianças com algum tipo de deficiência física, somos levados a pensar o quão difícil deve ser para elas viverem em um mundo, em uma sociedade, em que são construídas barreiras que impedem, na maioria das vezes, o seu acesso aos espaços sociais ou de trabalho.

Levando-se em conta os registros históricos, ao longo dos tempos até os dias de hoje, sempre houve, e haverá, a presença de pessoas com deficiência física. Entretanto, em cada época, a atenção e o tratamento que se lhes dava ocorria de uma determinada forma.

Segundo Miranda (2004), primeiramente vivenciou-se uma etapa marcada pela negligência. Na era pré-cristã, por exemplo, havia uma ausência total de auxílio e atendimento. As pessoas com necessidades especiais e deficientes eram abandonadas, perseguidas e eliminadas devido às suas condições atípicas, e a sociedade legitimava essas ações como sendo normais. Contudo, a História nos indica que a mera exclusão provavelmente era a prática mais comum.

Matos (2006) afirma que na Idade Média surgem as primeiras tentativas de atendimentos de pessoas deficientes. Já no início do século XX, Gugel (2007) afirma que houve avanços muito importantes para as pessoas com deficiência, porém, somente em relação às ajudas técnicas ou aos elementos da evolução tecnológica. Os equipamentos que já vinham sendo utilizados, cadeira de rodas, bengalas, sistema de estudo para surdos e cegos, foram melhorando cada vez mais. A sociedade organizou-se em grupos para combater o preconceito e concentrou esforços para melhor atender à pessoa com deficiência. Por volta dos anos de 1902 até 1912, cresceu na Europa a organização de instituições para preparar e ajudar a pessoa com deficiência.

Na atualidade, existe uma maior compreensão das relações que levam uma pessoa a apresentar uma determinada deficiência física, seja essa congênita, que são as pessoas que nascem com determinada deficiência, ou adquirida, que são aquelas que durante um período da sua vida por fatores específicos, como um acidente ou doença, acabam tendo uma limitação motora, podendo ser temporária, ou definitiva, e que necessitam de cuidados específicos, desde equipamentos (cadeira de rodas, muletas etc.) ou mesmo de estruturas arquitetônicas adaptadas para seu deslocamento.

Contudo, ao focar o espaço escolar e mais especificamente as aulas de Educação Física, percebemos que as pessoas com deficiência física (cadeirantes) pouco participam das aulas. Esse fator, muitas vezes, está vinculado ao despreparo ou à falta de empenho e de interesse de parte dos professores em incluir esses alunos com deficiência física em suas aulas. Outro fator está ligado à dificuldade de acesso do aluno ao espaço utilizado para as aulas de Educação Física ou ao próprio espaço que é limitador.

Hoje notamos várias dificuldades, não somente relacionados à falta de interesse de alguns professores, mas sim ao medo de alunos com deficiência em realizar atividades nas aulas de Educação Física. Da mesma forma, Melhem (2009) afirma que, por desconhecimento, desconfiança ou preconceito, a maioria dos alunos com deficiência física se excluem e são excluídos das aulas de Educação Física. O conhecimento nessa aula pode trazer diversos benefícios a essas crianças, particularmente no que diz respeito ao aumento das competências afetivas, de integração e de inserção social.

Cidade e Freitas (2002) afirmam que a Educação Física, de uma forma mais adaptada, surgiu oficialmente nos cursos de Graduação por meio do número 7 da resolução nº 03/87 do Conselho Federal de Educação, dessa forma incluindo também a atuação do professor de Educação Física junto às pessoas com deficiência e outras necessidades especiais. Sendo assim, muitos professores de Educação Física, que já atuavam em escolas antes da década de 80, não obtiveram, em sua formação inicial, matérias ou assuntos relacionados à Educação Física Adaptada. Atualmente, quase todos os cursos de Educação Física disponibilizam, nas grades curriculares conteúdos e práticas relacionadas à Educação Física Adaptada e à Inclusão, porém, isso não certifica que os professores, ao saírem da instituição de ensino, estejam prontos e qualificados para desenvolver atividades com as pessoas com deficiência.

Filus; Martins e Junior (2004) mostram que a Educação Física Adaptada é uma área emergente da Educação Física, para a qual o professor deve ser qualificado, paciente, observador e criativo. Destaca, ainda, a importância que o professor detém para lidar com esses alunos com necessidades especiais, pois as dificuldades são sempre maiores.

Trabalhar com crianças que têm alguma necessidade não é algo tão simples como parece, tendo em vista que exige do professor maior empenho, principalmente em estudos mais avançados que complementem a sua formação. Percebe-se a presença de alguns professores descompromissados com a causa dos alunos com deficiência e outros extremamente empenhados, que lutam para o aluno ser incluído nas aulas de Educação Física.

Palma e Lehnhard (2012), em suas pesquisas de campo em aulas de Educação Física de uma turma do 1º ano do ensino regular de uma escola pública estadual de Santa Maria - RS, a qual possui um aluno com deficiência física, constataram que o aluno com deficiência pode sim participar das atividades desde que o professor de Educação Física inclua-o nas referidas atividades. Eles afirmam que os professores podem e devem adaptar suas aulas para que os alunos participem e sejam inseridos junto aos demais colegas do grupo.

Notam-se exemplos de professores de Educação Física que buscam ajudar a incluir alunos com deficiência física, cadeirantes, de forma natural em suas aulas, fazendo com que o aluno não se sinta excluído. Em outro extremo, há professores que apresentam dificuldades em trabalhar com pessoas com deficiência em suas aulas. Dessa dualidade, surge a dúvida de como vem sendo tratada a inclusão de alunos com deficiência física (cadeirantes) nas aulas de Educação Física em instituições escolares públicas regulares.

Dessa forma, este estudo objetivou identificar como vem sendo tratada a inclusão de alunos com deficiência física (cadeirantes) nas aulas de Educação Física em colégios públicos regulares de Cascavel/ PR.

MÉTODOS

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva analítica, realizada em 7 colégios estaduais de ensino regular que possuem alunos com deficiência física (cadeirantes) da cidade de Cascavel/PR, sendo aprovado pelo comitê de ética da FAG – Faculdade Assis Gurgacz, de acordo com a resolução 466/2012, sob o parecer nº 1.233.874, CAAE: 48008215.7.0000.5219.

Nesse sentido, “a pesquisa descritiva observa, faz registro analítico e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los” (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007, p. 29). Buscando, dessa forma, conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do individual, tomado isoladamente, quanto de grupos e de comunidades mais complexas.

A população e a amostra deste estudo constituem todos os 9 alunos deficientes físicos (cadeirantes), regularmente matriculados no Ensino Fundamental de 7 colégios estaduais dentre os 41 existentes na cidade de Cascavel/PR.

Os sujeitos desta pesquisa são 9 alunos que participam, ou não, das aulas de Educação Física no Ensino Fundamental em colégios públicos da cidade de Cascavel/PR.

Utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário fechado com 11 questões de múltipla escolha, elaborado pelos pesquisadores e pelo orientador da pesquisa em questão.

Inicialmente, foi enviada, para cada colégio, uma carta informativa explicando os reais objetivos da pesquisa. Após o aceite do diretor da escola, encaminhamos ao referido um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido devidamente preenchido e assinado, sendo que, após o pesquisador receber o Termo de Consentimento assinado, foi aplicado o instrumento de coleta de dados (questionário).

Foi realizado um piloto do questionário junto a três professores para verificar coerência e clareza do questionário, para, só então, serem aplicados, no mês de setembro de 2015, à amostra deste estudo.

Foi agendado nos colégios um horário para que o instrumento de coleta de dados fosse aplicado. Os questionários foram entregues aos alunos individualmente em um envelope lacrado no local de estudo de cada um, a fim de que fossem respondidos individualmente e, na sequência, recolhidos.

Quando algum respondente apresentou dificuldades em assinalar as questões, um pesquisador fez, com a presença da professora responsável, a leitura das questões e assinalou a resposta dada pelo entrevistado sem que houvesse interferência.

A análise dos resultados foi submetida ao tratamento estatístico descritivo, percentuais máximos e mínimos foram apresentados com a construção de gráficos e pela frequência de respostas obtidas nas questões.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta parte do estudo apresentamos os resultados obtidos na aplicação do instrumento de coleta de dados junto a 9 alunos cadeirantes de 7 colégios públicos da cidade de Cascavel/PR, na busca de atender

aos objetivos deste estudo. Foi possível identificar que 66% dos pesquisados são do sexo masculino e 34% são do sexo feminino. Destes, 89% possuem idade entre 13 e 16 anos e 11% com 20 anos. De acordo com os pesquisados, 89% possuem deficiência física Congênita, ou seja, tendo desde o seu nascimento, enquanto 11% foram adquiridas após o nascimento.

Questionamos se os alunos entrevistados costumam participar das aulas práticas de Educação Física em seu colégio.

Pode-se observar, no Gráfico 1, que a maioria dos entrevistados, 45%, afirmam que participam das aulas práticas de Educação Física, pois o professor sempre adapta os jogos e os esportes para que possam participar com os colegas. Enquanto 33%, às vezes, participam das aulas, quando ocorre adaptação ou o professor cria circunstâncias para a sua inserção. Já com menor percentual, 22% dizem não participar das aulas por não serem incentivados, por falta de acessibilidade ou por alguma dor física.

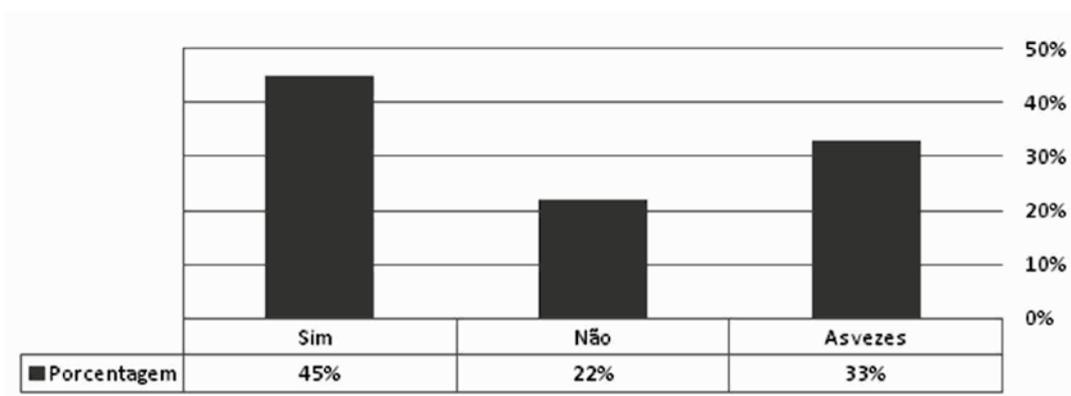
Não podemos desconsiderar que existe um índice significativo de alunos com deficiência que não estão inseridos nas aulas ou somente às vezes são levados a participarem. Essa conjuntura demonstra que ainda são necessárias adaptações mais contínuas nas aulas de Educação Física, para que todos possam, de alguma forma, serem incluídos nas aulas práticas de Educação Física.

Na sequência, procurou-se verificar se o colégio incentiva a participação dos alunos cadeirantes nas aulas de Educação Física.

Segundo 88,9% dos respondentes, a escola, por meio da coordenação pedagógica e da direção, sempre incentiva a participação. Já para 11,1%, a referida equipe, às vezes, incentiva a participação nas aulas.

Acredita-se que motivar os alunos a participarem das aulas de Educação Física é extremamente importante e a coordenação pedagógica, a direção e os professores, de forma expressiva, vêm assumindo essa função.

Gráfico 1. Participação dos alunos com deficiência nas aulas práticas de Educação Física.



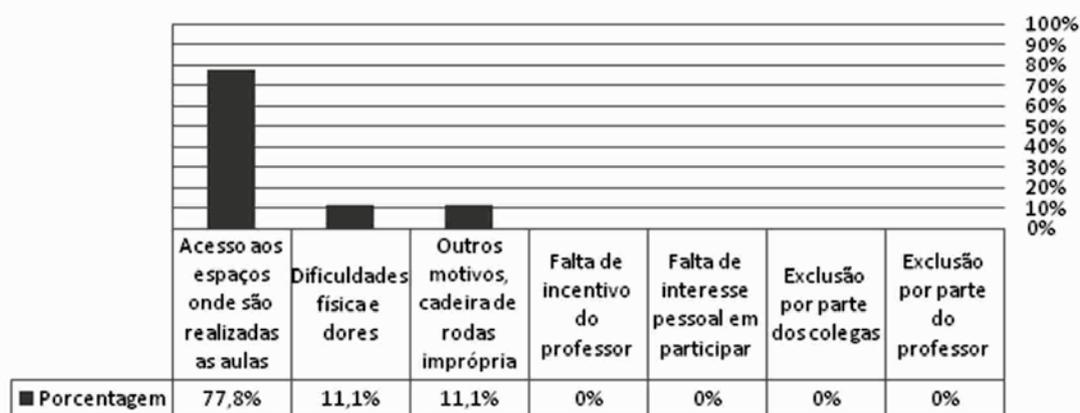
Fonte: Elaborado pelos autores.

Contudo, além de estimular a sua participação é fundamental dar condições para que todos os alunos possam participar das práticas, procurou-se identificar as principais dificuldades que os alunos cadeirantes costumam encontrar para participar das aulas de Educação Física.

O Gráfico 2 destaca que, para 77,8%, a principal dificuldade está vinculada ao acesso aos espaços em que são realizadas as aulas de Educação Física. Para 11,1%, as dificuldades físicas e as dores dificultam a participação nas aulas. Com mesmo percentual, 11,1%, dizem ser outros motivos, justificando possuir cadeira imprópria para o deslocamento.

Os dados mostram a imprescindibilidade de adequar grande parte dos colégios, tornando-os acessíveis a todas as pessoas que dele fazem uso, oportunizando, assim, o direito de autonomia no transitar dos educandos.

Gráfico 2. Principais dificuldades encontradas para participar das aulas de Educação Física.



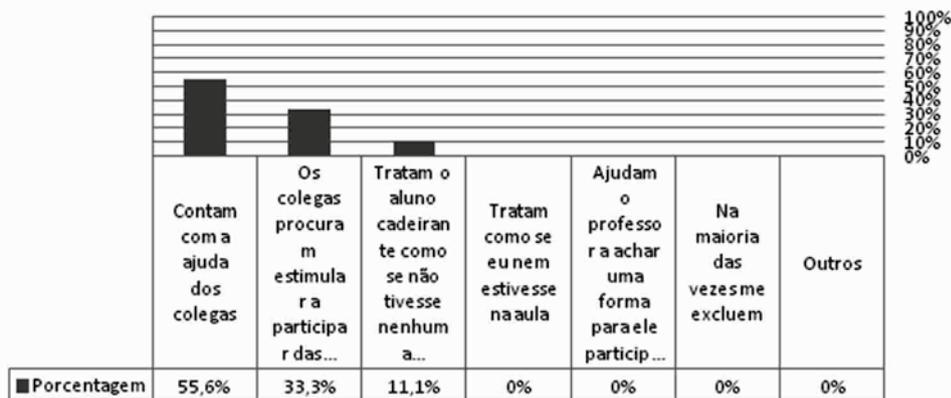
Fonte: Elaborado pelos autores.

Na sequência, procurou-se levantar informações de como os alunos cadeirantes são tratados pelos seus colegas de sala de aula nas aulas de Educação Física.

O Gráfico 3 aponta que 55,6% dos alunos respondentes contam com a ajuda dos colegas na realização das práticas. Com percentual também significativo, 33,3% encontram, nos colegas, estímulo para participar das aulas. Já com menor percentual, 11,1% dos cadeirantes afirmam que são tratados como se não tivessem nenhuma deficiência.

Compreende-se que os colegas, em sua maioria, não demonstram indiferença para os alunos cadeirantes, procurando, dentro de suas possibilidades, ajudarem na sua inclusão. Entretanto, educadores e direção devem ampliar a conscientização do respeito às diferenças.

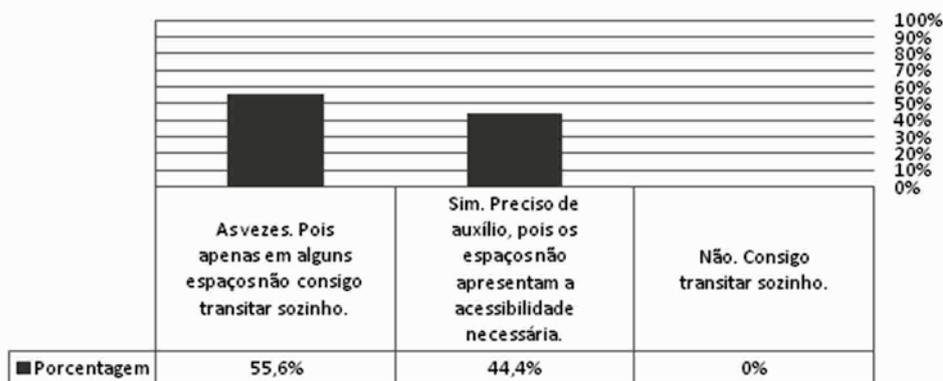
Gráfico 3. Tratamento dos colegas de sala de aula nas aulas de Educação Física.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Procurou-se, junto aos entrevistados, verificar se necessitam de auxílio de colegas ou de professores para transitar pelos espaços do colégio (sala de aula, banheiros, quadra esportiva, pátio etc.).

Gráfico 4. Autonomia para transitar pelos espaços do colégio.

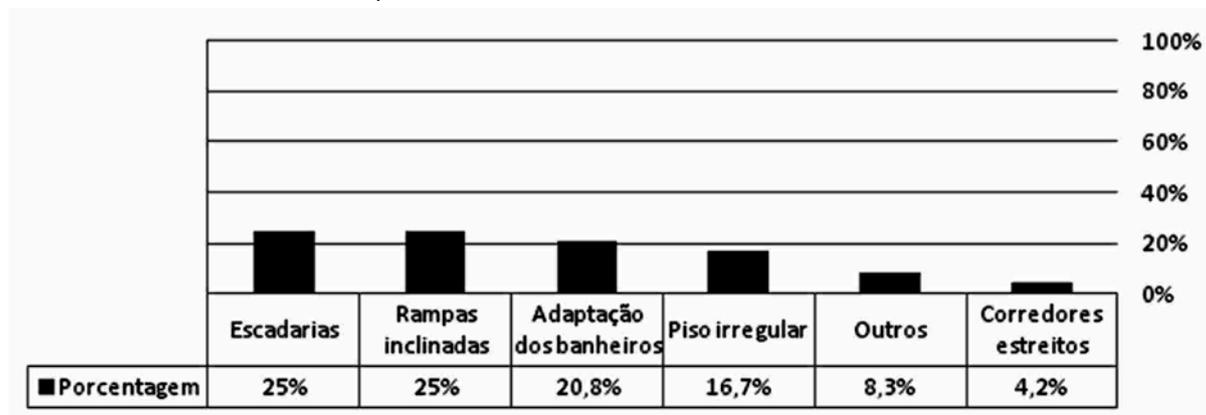


Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme apresenta o Gráfico 5, às vezes, 55,6% afirmam que necessitam de auxílio, pois apenas em alguns espaços não conseguem transitar sozinhos. Enquanto que 44,4% dizem necessitar de auxílio, devido aos espaços não apresentarem a acessibilidade necessária para a sua autonomia.

Em relação à acessibilidade, questionaram-se as principais dificuldades encontradas pelos alunos com deficiência física (cadeirantes) para chegar à quadra e a outros espaços utilizados para a prática das aulas de Educação Física.

Gráfico 5. Acessibilidade aos espaços de educação física.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Segundo os respondentes, 25% afirmam que a maior dificuldade encontrada no espaço escolar são as escadarias existentes que limitam o seu deslocamento. Com igual percentual, 25% apontam para as rampas muito inclinadas. Com percentual também significativo, 20,8%, indicam para a falta de adaptação dos banheiros ao entorno da quadra e, com menor incidência, 4,2% apontam como limitadores os corredores estreitos.

Os dados apontados nos Gráficos 4 e 5 corroboram para o fato de que os alunos necessitam de auxílio para transitar pelo espaço escolar, devido aos obstáculos existentes principalmente pela falta de planejamento na edificação dos colégios. Essa situação demarca a realidade de grande parte dos colégios brasileiros, demonstrando a necessidade urgente de adaptações a esses espaços seguindo as normas da ABNT.

Em seguida, procuramos verificar como são avaliados os alunos cadeirantes na disciplina de Educação Física.

Apesar da maioria, 55,6% dos alunos cadeirantes, afirmar que são avaliados com metodologias diversas, transfigurando entre provas, trabalhos teóricos e avaliações práticas (que, ao nosso ver, são ações

coerentes), 33,3% deixam claro que não são avaliados nas aulas práticas de Educação Física, sendo-o somente por meio de recursos teóricos. Já com menor percentual, 11,1%, o único recurso de avaliação é a participação nas aulas práticas.

Perguntamos aos entrevistados qual mensagem gostariam de deixar para quem tem deficiência física (cadeirante) e não participa das aulas de Educação Física. Para 44,5%, é fundamental que os alunos cadeirantes lutem pelo seu espaço nas aulas. Logo, 33,3% indicam que o melhor caminho é participar ativamente de todas as atividades, procurando, assim, junto ao seu professor, adaptar as atividades para sua melhor participação e, com menor percentual, ou seja, 22,2%, buscar sempre participar ativamente.

Perguntamos se os entrevistados possuem algum trauma de participar das atividades de Educação Física.

Em relação a esse questionamento, 77,8% não possuem traumas decorrentes das aulas de Educação Física. Enquanto que 22,2% apresentam traumas, por “boladas” que levaram no decorrer das aulas. Aqui, percebemos que não se pode desconsiderar a necessidade de conscientizar todos os alunos sobre os cuidados e a segurança constantes e necessários nas aulas práticas de Educação Física, apresente ele deficiência ou não, independente do sexo.

Por fim, questionamos se durante as aulas de Educação Física, a escola oferece um profissional para auxiliar os alunos cadeirantes. 100% afirmam que é fornecido esse auxílio por meio do acompanhamento de um professor.

Acredita-se que a coordenação pedagógica, a direção e os professores, de forma expressiva, vêm assumindo uma função mais atuante. Contudo, além de estimular a sua participação, é fundamental dar condições para que todos os alunos possam participar das práticas.

Compreendemos que existem, ainda, muitas dificuldades e obstáculos a serem quebrados com a presente pesquisa, mas, de certa forma, na grande maioria, todos contam com uma Educação Física prazerosa e de alegria, sem causar, ao aluno, nenhum receio ou medo de participar das aulas, proporcionando, a eles, momentos felizes e prazerosos com a prática das referidas atividades.

CONCLUSÃO

Foi possível verificar que, na atualidade, nos colégios estaduais encontrados no município de Cascavel/PR, os alunos com deficiência física, cadeirantes, têm ciência da importância da sua participação nas aulas de Educação Física e fazem questão de participar dentro das suas possibilidades. Em seu discurso, 77,8% atentam para as dificuldades encontradas, especialmente no que diz respeito à acessibilidade aos espaços utilizados para as práticas de Educação Física, o que demarca, em sua maioria, a necessidade de auxílio para sua locomoção, dificultando, sobremaneira, a sua autonomia.

Apesar de muitos professores estaduais se sentirem desamparados pelo sistema público de ensino em relação à falta de condições estruturais e, em alguns casos, sentirem-se inseguros para trabalhar com as pessoas com deficiência, notam-se exemplos de professores de Educação Física que buscam ajudar a incluir os alunos com deficiência física “cadeirante” de forma natural em suas aulas, fazendo com que o aluno se sinta acolhido. Contudo, o professor necessita do auxílio da própria instituição e do poder público que devem oferecer para todos os alunos locais adaptados, com rampas de acesso, de acessibilidade nas salas de aulas e na própria quadra esportiva.

Nesse contexto, somando os esforços dos professores, do colégio e dos demais alunos, é possível promover uma Educação Física inclusiva para todos do município de Cascavel/PR, atendendo, assim, os alunos com deficiência física (cadeirantes), contribuindo para o seu desenvolvimento físico, psíquico e social na tentativa de colaborar para a formação de sujeitos autônomos.

Por fim, espera-se que esse estudo possa somar nas discussões em torno da Educação Física para as pessoas com deficiência, com objetivo de oferecer melhor qualidade de vida e de ensino.

REFERÊNCIAS

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. Educação física e inclusão: considerações para prática pedagógica na escola. **Revista Integração**, Brasília v. 14 – Edição Especial - Educação Física Adaptada, p. 26-30, 2002.

DIEHL, R. M. **Jogando com as diferenças**: jogos para crianças e jovens com deficiência. São Paulo: Phorte, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: censo2010.ibge.gov.br/. Acesso em: 09 maio 2015.

FILUS, J.; MARTINS JUNIOR, J. Reflexões sobre a formação em Educação Física e a sua aplicação no trabalho junto as pessoas com deficiência. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v.15, n.2, p. 79-85, 2004.

GUGEL, M. A. **A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade**. Florianópolis: Obra Jurídica, 2007. Disponível em: http://www.ampid.org.br/ampid/Artigos/PD_Historiaphp. Acesso em: 05 maio 2015.

PALMA, L. E.; LEHNHARD, G. L. Aulas de educação física e inclusão: um estudo de caso com a deficiência física. **Revista Educação Especial/UFSM**, Santa Maria, v. 25, n. 42, p. 115-126, jan./abr. 2012.

MATOS, N. D. de. O conceito de excepcionalidade: uma abordagem histórica. *Revista Benjamin Constant*, Rio de Janeiro: DDI, n.34, ago. 2006. Disponível em: http://www.ibr.gov.br/media/common/Nossos_Meios_RBC_RevAgo2006_Artigo_3.doc. Acesso em: 11 maio 2015.

MELHEM, A. **A prática da Educação física na escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 2009.

MIRANDA, A. A. B. História, deficiência e educação especial. **Revista HISTEDBR**, Campinas: Faculdade de Educação/UNICAMP, n. 15. pag.1-7, set, 2004. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis15/art1_15.pdf. Acesso em: 12 nov 2015.

Rua Prates, 1397
Universitário
Cascavel/PR